



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ADRIANA CAVALCANTE DE ARAÚJO CHAVES ALVES

**CRIME, LOUCURA NA HISTÓRIA DE PIERINA: SUBJETIVIDADE EM  
SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO E ENCARCERAMENTO**

Juazeiro do Norte  
2019

ADRIANA CAVALCANTE DE ARAÚJO CHAVES ALVES

**CRIME, LOUCURA NA HISTÓRIA DE PIERINA: SUBJETIVIDADE EM  
SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO E ENCARCERAMENTO**

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Graduação em Psicologia do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio, como  
requisito para a obtenção do grau de  
bacharelado em Psicologia.

Orientador: Me. Moema Alves Macêdo

Juazeiro do Norte  
2019

## **CRIME, LOUCURA NA HISTÓRIA DE PIERINA: SUBJETIVIDADE EM SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO E ENCARCERAMENTO.**

Adriana Cavalcante de Araújo Chaves Alves<sup>1</sup>

Moema Alves Macêdo<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A partir da recuperação da história de vida da camponesa Pierina Cechini, em cartas anexadas aos prontuários do Hospício de São Pedro, que afogou a filha Elvira Maria de dezesseis meses, sendo assim indiciada em processo crime e posteriormente internada no Hospício para ser examinada sobre sua sanidade mental, este artigo tem dois objetivos. Primeiro fazer uma reflexão sobre como ela fez para se reencontrar em sua história, onde e quando sua subjetividade aflorou nesse processo de dor, saúde, doença, lucidez e loucura. Segundo, onde entrou a participação da coletividade de seu grupo, seus costumes, tradições e as terapias aplicadas a esse sujeito nos internamentos, de que forma, nesse contexto, ajudaram ou não para que ocorresse esse processo. Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória, por meio de revisão bibliográfica em livros e base virtual scielo, utilizando as palavras chaves: Pierina, crime. O critério de inclusão foi conter os dois termos ao mesmo tempo e ser escrito em língua portuguesa. o livro da historiadora Yonissa Marmitt Wadi “A história de Pierina, subjetividade, crime e loucura”, serviu de base para compor o estudo de caso deste trabalho. O artigo mostra a importância de analisar o sujeito em situação de sofrimento e encarceramento de forma abrangente, levando em consideração o seu contexto social a partir dos objetos de estudo da criminologia. Para que possamos tentar entender melhor o papel dos processos terapêuticos e do internamento na ressocialização do sujeito a partir do estudo de caso da história de Pierina, que aqui se mostrou refeita nos preceitos da fé e do trabalho, que prestou, no enclausuramento da Santa Casa de Misericórdia.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Tradições Crime. Terapias. Pierina.

### **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: diana-cavalcanteac4@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ensino na Saúde, pela FAMED/UFAL (2018). E-mail: moema@leaosampaio.edu.br

From the recovery of the life story of the peasant Pierina Cechini, in letters attached to the medical records of the San Pedro Hospice, drowned her daughter Elvira Matia of sixteen months, being thus indicted in a criminal process and later hospitalized in the Hospice to be examined on her mental health, this article has two objectives. First, reflect on how she did to find herself in her history, where and when her subjectivity surfaced in the process of pain, health, illness, lucidity and madness. Second, where the participation of the collective of its group, its customs, traditions and therapies applied to this subject in the hospitalizations, entered, in that way, in that context, helped or worsened its picture. For this, a qualitative, exploratory research was carried out by means of bibliographic review in books and virtual base scielo, using the key words: Pierina, crime. The inclusion criteria was to contain both terms at the same time and be written in Portuguese. The book of Historian Yonissa Marmitt Wadi “The story of Pierina, subjectivity, crime and madness” served as the basis for composing the theoretical referential of this work. The article shows the importance of analysing the subject whilst facing suffering and imprisonment in a more embracing view, considering the social context from criminology’s studying objects. So that we can better understand the role of the therapeutic processes and the role of the internment in the subject’s resocialization by Pierina’s case studying, who here has shown herself remade on the precepts of faith and labor, which she attended to, while inclosed at the Santa Casa de Misericórdia (Holy House of Mercy).

**Keywords:** Subjectivity. Traditions. Crime. Therapies. Pierina.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade apresentar uma análise dupla, a primeira sobre as possibilidades de um sujeito reconstruir sua história, resgatando sua subjetividade após cometer um crime e ser internado como louco em um hospício. A outra refere-se aos limites individuais e coletivos, o controle social, ou seja, onde entrou a participação da coletividade de seu grupo, seus costumes, tradições e as terapias aplicadas a Pierina nos internamentos, observando de que forma, nesse contexto, ajudaram ou pioraram seu quadro.

Trata-se de um estudo de caso feito por intermédio do livro da historiadora Yonissa Marmitt Wadi “A história de Pierina, subjetividade, crime e loucura”. Portanto, é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica de cunho exploratório com análise de dados baseada em categorias pré-estabelecidas nos objetos de estudo da criminologia, a saber: crime, criminoso, controle social e vítima.

As narrativas e a história de Pierina nos coloca frente a uma fala “invalidada” pelos muros institucionais e pelos saberes médicos e jurídicos, uma mulher cansada de uma rotina exaustiva, trabalho incessante, um grupo de convivência alicerçado em regras rígidas e conservadoras, um casamento infeliz em um tempo em que a mulher já nascia com papéis sociais prontos e definidos, vivendo em uma extrema situação de pobreza. A história de Pierina se cruza com a de tantas outras mulheres exaustas, sem voz, sem expectativas de mudanças, aprisionadas em suas próprias vidas, reféns de uma sociedade inquisitória, refugiam-se em sua dor como forma de expressão, um pedido de socorro se manifesta em forma de loucura aos olhos alheios, aos ouvidos de uma sociedade masculinizada no discurso do homem da lei, o homem que decide destinos e o da saúde que controla e medica, e doma e acalma essa loucura. E essa história, que se repete em outros contextos, outros tempos e lugares, sempre foi motivo de inquietação, tentativa de entender o que era resistir em mundo no qual as possibilidades eram limitadas e determinadas pelos homens e por que até hoje muitas mulheres ainda sofrem e vivem aprisionadas em suas próprias vidas.

É essa análise que o artigo pretende fazer, por meio de um mergulho na história de Pierina, motivações, dores e perturbações de uma época que se repetiram em diversas outras histórias de tantas outras Pierinas, mães, esposas, filhas e membros de uma sociedade inflexível que resiste a mudança tanto quanto acredita que tudo tem um fim em si, que uma mulher não pode não querer ser mãe, uma mulher pode não gostar de cozinhar, não se enquadrar em papéis femininos, uma sociedade que julga por uma metria única, sem considerar o sujeito, a subjetividade emergindo em sua clausura, sem tempo para si, mostra o quanto o grupo de convivência pode ser adoecedor, e quais caminhos, Pierina seguiu para se redescobrir, mesmo que de forma dolorosa e trágica, sujeito de sua história.

## **2 METODOLOGIA**

O livro da historiadora Yonissa Marmitt Wadi “A história de Pierina, subjetividade, crime e loucura” serviu de base para a realização do estudo de caso deste trabalho. Por meio de suas narrativas, fragmentos da história de Pierina escritas em cartas e anexadas a seu prontuário médico, enquanto esteve internada tanto na Santa Casa de Misericórdia como no Hospício de São Pedro, depoimentos e entrevistas de vizinhos e parentes dados a juízes e delegados durante a apuração do processo criminal e a vida dos moradores de Vilas de

colonos de imigrantes italianos que viveram no mesmo período que ela, nortearam a construção desse trabalho, permitindo contextualizar reflexões e interrogações.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, as informações foram coletadas por meio de dados materiais físicos e da internet, tais como livros, revistas científicas e artigos acadêmicos na base virtual *scielo*, utilizando as palavras chaves: Pierina, crime. O critério de inclusão foi conter os dois termos ao mesmo tempo e ser escrito em língua portuguesa. A leitura flutuante permitiu a seleção de matérias e a elaboração de fichamentos os quais foram analisados por meio da leitura reflexiva que propiciou a categorização em subtópicos na análise dos resultados.

Assim, o trabalho foi desenvolvido dentro de uma abordagem qualitativa, considerando que o objeto de estudo em questão encontra-se dentro de uma análise subjetiva, a partir de um ponto de vista específico o qual foi desenvolvido dentro do desfecho do problema de pesquisa e sua relação social, com a finalidade de sua compreensão.

Quanto aos fins, pode-se afirmar que o mesmo tem uma finalidade exploratória, pois buscou realizar uma melhor compreensão do conteúdo obtido, que possibilita outras formas de ver ou observar o tema em discussão, com o intuito de construir hipóteses e buscar desenvolver e explorar novas concepções (GIL, 2010).

A análise dos resultados aconteceu por meio de leitura crítica, fichamento e categorização a priori com base nos objetos de estudo da criminologia.

### **3 CRIMINOLOGIA E PSICOLOGIA JURÍDICA: INTERFACES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DE CASO DE PIERINA**

Mergulhar na história de Pierina é realizar um estudo criminológico por meio de fontes secundárias presentes no livro “A história de Pierina, subjetividade, crime e loucura” da historiadora Yonissa Marmitt Wadi. A palavra criminologia origina-se do latim *crimino* (crime) e do grego *logos* (estudo ou tratado), portanto pode-se afirmar que o termo em questão estaria relacionado ao “estudo do crime” (PENTEADO FILHO, 2016).

A utilização do termo Criminologia se deu pela primeira vez em 1883, pelo médico e antropólogo Paul Topinard, e seu primeiro emprego internacional se deu em 1885, por Raffaele Garófalo em seu livro nomeado de “Criminologia” (PENTEADO FILHO, 2016). Entretanto, Alvarez (2002) afirma que são os trabalhos de Cesare Lombroso (1835-1909), que tem maior notoriedade no âmbito da criminologia moderna. Já no Brasil, João Vieira de Araújo (1844-1922) é o pioneiro no assunto, quando por volta das últimas décadas do séc. XIX de-

monstra conhecimento acerca do mesmo, ao declarar comentários sobre as ideias de Lombroso durante suas atividades de professor na faculdade de Recife.

Ressalta o fato de que, este estudo não estaria focado apenas no crime em si, mas também nos aspectos que perpassam o ato criminoso, tais como o contexto social, à vítima, dentre outros fatores envolvidos. A metodologia de estudo utilizada no mesmo seria a observação do fenômeno e a experiência, sendo desse modo, considerada uma ciência empírica e interdisciplinar, em que esta última característica se dá pelo fato de outras ciências se fazerem presente, tais como o direito, a psicologia, a sociologia, e outros (PENTEADO FILHO, 2016). Com isso a compreensão do crime é vista como um fenômeno natural em que se faz necessário estudar suas causas para que o mesmo seja ceifado desde sua raiz (MAGALHÃES, 2017).

A criminologia pertence ao ramo das ciências jurídicas e tem sua base de análise na interdisciplinaridade, sendo a psicologia uma das ciências fundamentais nesse alicerce, mais especificadamente a psicologia jurídica. Souza (1998) afirma que esta é uma especificidade da psicologia, na qual caracteriza-se por realizar estudos relacionados ao comportamento dos responsáveis jurídicos envolvidos no âmbito do Direito, da lei e da justiça. Sendo esta conhecida de duas formas, ou por Psicologia Jurídica e/ou Forense. Silva e Assis (2013) corroboram com tal compreensão afirmando que a este campo compete um “estudo de comportamentos complexos atuais ou potenciais para o jurídico” (2013, p.125), em que são analisadas as consequências destes, visando assim buscar dentro do âmbito jurídico ações para o sujeito. França (2004) afirmar que tal complexidade se dá pelo fato destes serem determinados por múltiplos fatores.

No Brasil, a psicologia jurídica teve a sua expansão inicial ligada ao ramo penal, atrelada a psiquiatria e as determinações do direito, buscando de modo positivista e determinista a periculosidade dos sujeitos envolvidos em delitos. Esse cenário tem mudado consideravelmente, contudo essa ideia ainda permanece para muitos. Atualmente a psicologia tem contribuído com estudos e práticas relacionadas à justiça transformativa e métodos adequados de resolução de conflito. Na ampliação do seu olhar sobre o delito surgem reflexões para além dos sujeitos e que se direcionam a sociedade, a economia, a antropologia... enfim, as ciências humanas de um modo geral. Assim, torna-se tão importante quanto saber o porquê de um sujeito ter cometido um crime, a compreensão de porque aquele ato é considerado crime naquela sociedade e como se dá a dosologia da pena com base em critérios que também são culturais.

Essa ampliação do olhar da psicologia jurídica está intercalada com a perspectiva de estudo da criminologia que adota enquanto objeto de estudo: o crime, o autor do comporta-

mento delitivo, a vítima e o controle social diante das diversas condutas criminosas. Nesse sentido, esses itens demarcaram as categorias de análise desse estudo que lança um olhar sobre os aspectos concretos e experimentais e sobre a subjetividade tomando por base os escritos no livro “A história de Pierina, subjetividade, crime e loucura”.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As categorias que compõem essa análise partem dos objetos de estudo da criminologia, tomando por base não apenas os aspectos objetivos, mas também a subjetividade passível de estudo por intermédio da psicologia jurídica. Assim a categorização é: (a) o crime: análise dos atos jurídicos e penais, (b) Pierina: a mãe, a filha a esposa, a autora do comportamento delitivo, (c) Elvira: a vítima e o enlace da sua história nos conflitos maternos (d) O controle social: um olhar sobre o contexto social formal e informal da ocorrência do ato delituoso.

### **4.1 O CRIME: ANÁLISE DOS ATOS JURÍDICOS E PENAIS**

O estudo sobre o crime pode acontecer de diferentes prismas, Brandão (2014) discute que o Direito Penal, por exemplo, irá estudar o crime à luz das normas, do dever ser, e a criminologia irá estudá-lo à luz da realidade fenomênica. Ou seja, os conceitos criminológicos de delito buscam dá explicações à luz do ser, enquanto o conceito jurídico busca compreendê-lo à luz do dever ser. Tratando-se de um estudo criminológico, buscamos analisar o caso de Pierina não com base em normas jurídicas, mas com base na sua subjetividade e nos contextos. Cientes disto, partimos para descrever os fatos e lançar um olhar sobre eles.

O crime aconteceu no dia 26 de abril de 1909. Pierina Cechini, a sexta filha de Antonio e Maria, um casal de imigrantes italianos, tinha 28 anos e morava no distrito de Estrada Geral, município de Garibaldi, estado do Rio Grande do Sul. A mesma era casada e vivia com a família quando matou a filha de quase dois anos por afogamento, enquanto todos haviam saído de casa. Nesse dia, Pierina esperou até ficar sozinha com a filha para cometer o crime. Era um dia de segunda-feira, esperou que seu marido Giacomo Brunelli, sua mãe Maria, outros familiares e vizinhos, deixassem o vilarejo por volta das oito da manhã, onde seria celebrada a missa de sétimo dia de seu pai Antonio. Fechou tudo, segundo testemunho, portas e janelas, e levou a filha até o porão. Lá, Pierina encheu uma tina daquelas grandes que

serviam para lavar as roupas da família, com um palmo d'água e nela enfiou a cabeça de sua filha, com dezesseis meses de idade, até que ela perdesse os sentidos (WADI, 2009).

Nesse contexto, a historiadora Wadi (2009), só tem a descrição do crime segundo o olhar médico e jurídico descrito no prontuário de Pierina. Depoimentos pessoais, de familiares e vizinhos, ajudaram a compor a cena do crime. Em seu primeiro depoimento, Pierina respondeu ao juiz quando interrogada, que matara a filha. Quando questionada se tal ato havia sido premeditado, a resposta foi afirmativa, relatando que planejava e tentava há nove meses. Quando questionada por seus motivos, nos três depoimentos, Pierina deu duas respostas iguais e uma diferente, mas nenhuma contraditória, a primeira para que “sua filha não a reconhecesse como louca”, a segunda com o intuito de que “sua filha não a reconhecesse como mãe e não sofresse fome”, e o último, uma repetição do que falou primeiro “para que sua filha não a reconhecesse louca”, e em todos eles, ela disse não estar arrependida do que fez com a filha.

Não existem descrições, segundo a historiadora, de que façam saber se a criança morreu em seguida, após ter sido colocada na tina. Sabe-se só que Pierina pelo seu próprio depoimento concedido, deixou o corpo de Elvira dentro da tina que foi fechada com uma tábua e em seguida colocada uma caixa de querosene vazia por cima. O auto do corpo de delito indicou morte por asfixia (WADI, 2009).

Nos relatos de testemunhas, Giacomo chegou em casa depois da missa, por volta das dez horas e trinta minutos e encontrou a casa toda fechada, estranhou, pois a esposa a meses prometia cometer suicídio, correu para os fundos da casa do sogro, onde eles moravam e pela janela encontrou a esposa chorando muito, a mesma confessou os atos, e quando ele foi até o porão a filha já estava morta (WADI, 2009).

#### 4.2 ELVIRA: A VÍTIMA E O ENLACE DA SUA HISTÓRIA NOS CONFLITOS MATER-NOS

Maria Elvira nasceu no dia 14 de dezembro de 1907, filha de Giacomo e Pierina, a primeira filha do casal de imigrantes italianos, veio ao mundo após quase dois anos do casamento de seus pais, quando possivelmente já haviam comentários na vizinhança e entre a parentela, sobre a demora na chegada do primeiro filho do novo casal. Pierina começou a sentir mudanças em seu corpo que anunciavam algo de novo. Não há registros, mas pela tradição, é provável que, primeiro Pierina tenha confidenciado à sua mãe e irmãs, e depois, anunciou ao restante da família - inclusive ao marido sua gravidez (WADI, 2009).

Segundo De Boni (1984), as expectativas dos homens nas colônias italianas eram de que viessem um filho para ajudar no trabalho pesado e as mulheres, preferiam menina para ajudá-las com o trabalho doméstico. No entanto, Wadi (2009) apresenta na sua obra que, em um relato oral de uma descendente italiana, Conceição Brustolin Abel, as famílias mais ricas abominavam quando nascia uma menina, era tido como uma “frustração, repúdio”. Já nas famílias mais humildes se preferiam uma menina, assim quando fossem casar elas receberiam apenas o dote, já se fosse homem, teria que receber lotes de terra. Presume-se então, que a família de Pierina teria ficado muito feliz com o sexo da criança.

Giacomo e Pierina cumpriram a tradição e deram a sua filha o nome de suas mães, Maria e Elvira, e seu nascimento foi possivelmente recebido com muita festa, já que eram famílias que seguiam à risca os costumes. “Andare e comare”, (WADI, 2009, p. 135) diziam as vizinhas, e iam todas visitar aquela ‘comadre’ que tivera o filho. A chegada de um filho era motivo de festa e as vizinhas levavam uma galinha velha para fazer o ‘brodo’ (caldo de galinha), ovos, azeite de oliva, açúcar ou outras ‘delicadezas’ para agradecer e ajudar a recém-mamãe a superar o período de ‘quarentena’ (WADI, 2009).

Elvira crescia, enquanto acirravam-se as relações entre sogra e genro, envolvendo Pierina que provavelmente era cobrada por seu pai e talvez até por sua mãe, enquanto as responsabilidades de Giacomo em cumprir o acordado quando do seu casamento. E em meio aos conflitos cotidianos, aos pequenos atritos, a rotina doméstica, e mesmo a momentos de compartilhamento, consagração e lazer, a filha de Pierina e Giacomo deu seus primeiros balbucios, engatinhou, ensaiou seus primeiros passos, brincou, riu e chorou. Com cerca de oito ou nove meses, Elvira circulava pela casa, pelo jardim pomar e roça, sempre aos cuidados da mãe ou da avó materna, Maria (WADI, 2009).

Na escrita de Pierina, não há referências sobre o período gestacional e nem sobre o parto, o que pode claramente nos dá fortes indícios sobre o que a maternidade significou para ela (WADI, 2009). Para tanto há os registros de suas contemporâneas, outras mulheres que nos permite recuperar as vivências das práticas cotidianas da época. Essa ausência de registros sobre sua gestação e a “demora” para engravidar, podem levantar duas hipóteses sobre o que significou a gravidez para Pierina: a de que ela não queria ser mãe, ou que ele teve depressão pós-parto.

A depressão puerperal acomete aproximadamente 10 a 20% das mulheres nos seis primeiros meses após o parto, sendo muitas vezes não investigada nem diagnosticada, com impacto negativo para a mãe e a criança. Geralmente inicia-se entre a quarta e a oitava sema-

na após o parto (por vezes mais tarde, mas ainda dentro do primeiro ano) e pode persistir por mais de um ano (COOPER; MURRAY, 1995; KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2000).

De acordo com a obra De Boni (1984), segundo relatos de imigrantes que viveram na Serra Gaúcha nesse período, foram meses de escassez na agricultura, 1908. Com isso Wadi (2009) apresenta que em meio aos cuidados com a filha e a casa e o medo de passar fome e morrer por conta da extrema situação de pobreza a qual se encontrava, a negação, pelo menos na oralidade descritas nas cartas de Pierina, da existência dos meses gestacionais ao parto, nas cartas pode ter sido o meio encontrado de manter distante do ato praticado em si, por diversas vezes o amor a filha foi narrado em depoimentos dela e dos familiares. Quando Pierina tentou fugir e ficou escondida na mata, o que fez com que ela resolvesse voltar para casa fora o choro de sua mãe Maria e da filha Elvira. Então como tentar entender essa total ausência de sua gestação e sua relação com a filha nas cartas escritas no Hospital? Não se pode afirmar com certeza, já que não há registros sobre esse momento vivenciado por ela. Pode-se especular sobre uma depressão puerperal, uma forma de resistência aos padrões impostos da época do mito materno que ultrapassou os limites da normalidade e da moralidade aceitável em qualquer sociedade ao matar a própria filha.

#### 4.3 PIERINA: A MÃE, A FILHA A ESPOSA, A AUTORA DO COMPORTAMENTO DELITIVO

Pierina pode ser conhecida através das narrativas de suas cartas escritas no hospício enquanto esteve internada como medida judicial em decorrência do ato delituoso de assassinato da filha Elvira. Em suas cartas, Pierina não se remete à infância nem à sua adolescência, no entanto quando narra acontecimentos de sua vida, especialmente a partir do momento de seu casamento, fragmentariamente, surgem sinais de sua vida como um todo, fundamentais para compreender a sua construção enquanto sujeito. Sua identidade pode ser percebida, através de dados documentais de identificação, que falam sobre sua origem, idade, filiação, etc., suas cartas, que falam como esse sujeito pensa, se expressa, convive, age, em que crer, e de depoimentos colhidos no período do crime, e é essa Pierina que interessa nesse estudo, para que se possa tentar desvelar as motivações que levaram esse sujeito social a cometer esse ato extremo contra a filha, pela sua ótica e pela visão do outro (WADI, 2009).

Pierina Cechini, nasceu em 5 de junho de 1880, no Rio Grande do Sul, em um lugarejo conhecido como Estrada Geral - 2ª seção, nº 6, na então Colônia Conde D'Eu, já transforma-

da em município de Garibaldi. Filha mais nova, e uma das filhas nascidas no Brasil, dentre os 6 filhos de uma família de imigrantes italianos. Quando Pierina nasceu, em 1880, fazia pouco mais de seis anos que começara o processo de imigração em massa de italianos para diversas regiões brasileiras, destacando-se entre elas a então província do “Rio Grande de São Pedro”. WADI, 2009).

Assim como as inúmeras mulheres que habitaram nas encostas da serra geral gaúcha no início da colonização, Pierina ao lado de sua mãe e irmãs realizava todas as atividades, inclusive as tidas como masculinas, da propriedade rural de seu pai. Porém, seu pai e irmão não executavam tarefas, que na tradição, eram tidas como femininas, e assim inferiores e desprezíveis (MACHADO, 1997).

Imensas dificuldades econômicas marcaram a vida da maioria dos imigrantes, como a família de Pierina, que viviam de uma agricultura de subsistência e condicionados ao resultado de uma safra nem sempre boas (WADI, 2009). Referia-se a si mesma como muito religiosa, pois rezava constantemente, apegava-se aos santos e a Deus em seus momentos difíceis. Relata em carta endereçada aos doutores do Hospício São Pedro que até a idade de 24 anos passou uma “vida regular trabalhando dia e noite para poder viver de dia na roça de noite trabalhava (fazendo) transa de chapéus para vender” (WADI, 2009, p.57). É interessante observar que nas lembranças que ela faz de suas atividades de trabalho, ela qualifica como tal, apenas o trabalho na roça e o artesanato em palha de trigo, atividade que garantiam, para a maioria das famílias parte de seu sustento, porém as atividades domésticas ela não considerava como sendo trabalho.

Quando se casou com Giacomo, foi concedido o direito de morar em casa, sendo Pierina a filha mais nova dos seis de Antonio Cechini. Tal direito era concedido para que posteriormente ela cuidasse da velhice de seus pais, rompendo com a tradição referente ao minorinato, ou seja, o direito, segundo a tradição dos colonos imigrados, do filho homem mais novo de casar-se e continuar morando na casa dos pais (SANTOS, 1978).

Antonio Cechine, o pai de Pierina é figura central em sua narrativa, nas lembranças que ela faz de sua vida passada. Em suas cartas, o pai sempre aparece como sendo o responsável pelas dificuldades financeiras que ela enfrentava, principalmente depois do casamento, pois tudo o que ela e o marido ganhavam tinham que ser entregue ao pai, em troca recebiam um mil réis aos domingos (WADI, 2009).

Não há informações de como começou o namoro, mas é provável que seu pai tenha aberto exceção, já que tradicionalmente o homem deveria oferecer o mínimo para garantir o

sustento da família e Giacomo era muito pobre e só possuía um cavalo, e o aceitou como marido para Pierina por duas hipóteses, uma que pela velhice em que já se encontrava Antonio, 71 anos ausência de um filho varão em casa para ajudá-lo nos afazeres da roça fazia falta, outra era a idade já “avançada” de Pierina para casar, já que na época era comum as mulheres se casarem até antes dos vinte anos (WADI, 2009).

Wadi (2009) apresenta que de um jeito ou de outro o casamento aconteceu, de forma simples na igreja, pois eles não tinham dinheiro para o casamento civil, e foi daí que começam as escritas de Pierina nas cartas endereçadas aos doutores no Hospício São Pedro. Ao que tudo indica, por suas cartas, foi após o casamento que a vida de Pierina começou a mudar de forma permanente e profunda. Ela rememora esse período com muita dor e insatisfação. Primeiro por conta da situação de extrema pobreza em que passou a viver com o marido na casa de seus pais e sobre sua severa forma de administrar as finanças do casal, e segundo Pierina, relata constante e de forma insistente sobre esse aspecto ter sido o causador de sua angústia e miséria. Segundo a insatisfação com Giacomo, que além da pobreza adquirira o hábito de beber na bodega próxima a sua casa:

O meu marido, a vida dele era esta, se sema, era todos dias, de festa, ele era capaz, de passar a sema inteira nas vendas, e quando vinha, a qual quer horas da noite, bebemos, como um porco, ele lansava tudo, e assim eu ficava muito braba e ralhava com ele, se lhe dizia semos tão pobre, e tu sempre bebendo a eta maneira[...] (WADI, 2009, p.115)

A sociabilidade nas bodegas era um momento não partilhado, comum aos homens, e um tempo de não produção que gerou diversos conflitos familiares, como indicam as cartas de Pierina (WADI, 2009). O momento de “lazer” dividido com as mulheres das vilas era o momento partilhado quando se reuniam para o trabalho artesanal doméstico de debulhar milho, fazer trançar a palha de milho para confeccionar cestas e chapéus. Ócio, lazer, folga, são palavras novas e não servem para explicar esse tempo livre das mulheres nas antigas colônias italianas (DE BONI; COSTA, 1984).

“Somente” depois de dois anos de casada Pierina engravidou de Elvira. Para os costumes da época, segundo a religiosidade “a prole era tida como evidente dom de Deus” (COSTA et al.,1975, p.43). Foi considerado demorado, já que era esperado que o casal concebesse um filho logo após o casamento. Em suas cartas não há registros do porquê da “demora” em engravidar. Entretanto supõe-se que uma “infertilidade momentânea” (WADI, 2009, p.122) pode ter acometido o casal, ou técnicas de contracepção caseiras tenham sido utilizadas ou o casal tenha optado por esperar um pouco para ter filhos, pois relatou em uma de suas cartas

que quando Elvira tinha por volta de um ano, Pierina teria deixado de manter contato íntimo com o marido a fim de evitar mais filhos.

As desavenças entre sogro e genro começaram no batizado de Elvira Maria, quando o pai de Pierina se recusou a arcar com as despesas do batismo, como a roupa para a ocasião, a taxa cobrada pela igreja e “alguns gêneros alimentícios, para completar o almoço ou jantar festivo.” (WADI, 2009, p.141). Tudo foi pago pelo padrinho da menina, o que causou revolta em Giacomo, recusando-se a partir daí a entregar todo o dinheiro do trabalho a Antonio, pai de Pierina. Segundo os relatos de Pierina e de alguns moradores locais da época, foram anos de muita escassez os anos entre seu casamento e a morte de Elvira, entre 1905 a 1909 (WADI, 2009). Pressionada pelo pai e a mãe quanto as responsabilidades de seu marido em cumprir o acordo, Pierina via Elvira crescer, e ao mesmo tempo se dividia nas tarefas de casa e com a filha pequena já com oito meses de vida. E foi entre uma atividade e outra em uma segunda feira de agosto de 1908 que Pierina pensou na morte como uma saída para sua vida de pobreza e miséria. A mesma estava indo lavar as roupas da família no porão, mesmo local onde cometeu o crime, quando sua cabeça foi inundada por pensamentos intrusivos e constantes de que morreriam todos de fome, pois eram muito pobres. Após esse momento, “Uma semana depois confidencia a mãe seus pensamentos, disse a ela: [...] eu disse pra ella mamãe, eu so loga, eu não tenho mais juiso, nois temos de morer todos de fome não temos mais nada de comer nem de vestir, somos todos nos” (WADI, 2009, p.155).

Se por uma percepção de Pierina ou um costume familiar compartilhado nas relações das primeiras colônias de imigrantes italianos em dividir dor, alegria, tristeza e sofrimento, a notícia de sua doença logo se espalhou, e as especulações sobre o que poderia está causando esse sofrimento em Pierina logo começaram. Primeiro a amamentação poderia ser a causa, enfraquecendo seu corpo e sua mente, afastaram Elvira por quinze dias da mãe, mas não resolveu. Em meados de outubro, numa sexta-feira, Pierina tenta se matar ou pratica o ato como forma de chamar a atenção para seu sofrimento, com a cabeça imersa em água numa vasilha, ela tenta sufocar até morrer, desistindo em seguida, por medo, segundo ela. Posteriormente na manhã seguinte, Pierina foge de casa para o mato, para ficar lá até morrer, no entanto ao ouvir o choro da mãe e da filha, Pierina volta pra casa com pena, no entanto a ideia de se matar agora se somava a de matar a filha também (WADI, 2009).

Medo e pena teriam feito Pierina recuar, mas não desistir. No fim de outubro, quando o marido havia se ausentado para trabalhar na estrada de ferro, Pierina pediu ao pai que levasse a pequena Elvira para a casa dos padrinhos da menina, ou afogaria ela e depois se trancaria

no quarto até morrer. Assim fizeram, Pierina então trancou-se num quarto onde passou 22 dias sem comer nem beber nada, o pai então mandou chamar Giacomo e então surge aí a segunda especulação sobre seu estado de saúde, loucura, em comum acordo, procuraram vaga no hospício de São Pedro. A recusa, o afastamento prolongado das atividades produtivas em uma sociedade na qual o trabalho era visto como fonte vital de sobrevivência para o grupo familiar significava que algo inexplicável estivesse acontecendo de verdade com Pierina. (WADI, 2009)

Valores como o trabalho, a família e a religião eram sagrados para os imigrantes italianos, (FAVARO, 1994). Deixar de produzir, afastar-se das atividades tidas como naturalizadas socialmente, era estar acometido de algo muito grave. A internação no Hospício de São Pedro era algo inevitável, no entanto por interrupção de um cunhado, Giacomo mudou de ideia, por vergonha ou pena, sendo levado a confiar na especulação primeira de fraqueza orgânica outra vez sugerida pelo cunhado, agora a internação seria a Santa Casa. Era melhor ter um doente na família do que um louco, afirmavam os familiares de Pierina, segundo ela. No entanto em 1908 o Hospício de São Pedro, encontrava-se com um grande número de habitantes das ex-colônias italianas do Rio Grande do Sul, e isso se deu por uma soma de fatores. Dentre eles o fato dos colonos viverem em situações bastante precárias de saúde, isolados, sem acesso a médicos, a nada, nem mesmo contato com seus próprios conterrâneos, o choque cultural, questões de identidade, tudo isso, parece ter pesado em termos de saúde mental para aquela população (DE BONI, 1996).

Não durou muito e a internação não foi consumada, viajaram, gastaram, se desgastaram e ainda se desentenderam, Pierina e Giacomo voltaram para a Villa Garibaldi no dia 14 de novembro, onde viviam sem sucesso de tentativa de internamento, tendo em vista a desinformação do marido em achar que teria que custear todas as despesas, sem saber que quando se tratava de alguém pobre, como era o caso de Pierina, o Estado arcava com as despesas. E mais uma vez seu estado de saúde só se agravava. Envergonhada em voltar para casa sem sucesso de internamento, Pierina passou um mês sem se alimentar, sua magreza e fraqueza foi descrita por ela mesma em uma de suas cartas como algo quase fantasmagórico (WADI, 2009).

O segundo caminho a ser procurado pela família já aflita de Pierina, em dezembro, foi a ajuda das freiras do convento local da ordem de São José. Era comum essa prática, de freiras e capuchinhos da ordem de São Francisco, atenderem enfermos das redondezas, tendo em

vista a precariedade das condições de saúde na época, ministrando-lhes cuidados como higienização do corpo, remédios caseiros e atenção espiritual (WADI, 2009).

As freiras rezavam, acreditando ser de cunho espiritual o problema, um “castigo divino”, as mesmas ainda impuseram uma rotina de higiene e cuidados com a saúde de Pierina. Sangrias também foram utilizadas como tratamento, que podiam ser feitas em artérias, veias e vasos capilares. Desse modo, ela aproveitou a oportunidade e atentou contra a própria vida novamente, dessa vez de forma mais objetiva, dramática, intensificando o sangramento. Foi encontrada por uma de suas irmãs no quarto, coberta de sangue, imobilizaram suas mãos amarrando-as. Isso mostra que o tratamento poderia estar surtindo efeito visualmente, ela estava limpa e alimentada, no entanto emocionalmente continuava perturbada. Uma tristeza sem fim e um desgaste crescente na relação com o marido, eram suas lembranças mais fortes meses antes do crime (WADI, 2009).

Por aproximadamente três meses as freiras cuidaram de Pierina, ela recebeu inúmeras visitas de vizinhos e familiares. No final do mês de fevereiro subitamente ela teve uma melhora, levantando-se da cama e falando ao marido que já havia tentado tirar a vida de todas as formas e não conseguiu e agora esperaria a vontade de Deus, e pediu que fosse buscar Elvira, garantindo que não faria nada de mal com ela. No entanto indícios de uma tristeza, mesmo que tênue, ecoou em seus escritos, quando contou em tom de vergonha que blasfemava contra Deus, questionando sua existência, sua vida, e o porquê de não morrer, e o pior era ver suas palavras repetidas na boca de sua pequena filha agora (WADI, 2009).

Dois meses depois morre seu pai, 17 de abril de 1909, sua aflição aumenta ainda mais. Com a divisão da herança, a certeza que nada para ela restaria, procuraram um possível dinheiro escondido por Antonio, mas nada foi encontrado, supõe-se que tudo fora gasto com as despesas de sua doença. A família mal tinha dinheiro para realizar um enterro digno para o patriarca. Pensamentos como “irei passar fome”, “vou acabar pedindo esmolas nas ruas” se intensificaram ainda mais acompanhado de um sentimento de vergonha em não conseguir “cumprir a contento o papel reservado a uma mulher casada”, (WADI, 2009, p. 253), além de todo a culpa em sentir que “contribuiu” de certa forma para a morte do pai. Filha mais nova, cuidada e amada durante os meses em que adoeceu, talvez tenha provocado o cansaço e a morte do pai já idoso, com 75 anos, comentavam as vizinhas (WADI, 2009).

Wadi (2009) apresenta que medo e vergonha agora tomavam conta de Pierina, medo da pobreza extrema, vergonha de que sua filha fosse reconhecida como a “filha da louca”. Tudo isso somado e intensificado com a dor da morte do pai parece ter reascendido suas per-

turbações que talvez nunca tinham de fato desaparecido. Assim dia 22 de abril Pierina volta a considerar a morte da filha como saída para sua dor. A mesma lembra ter acendido uma vela e rezado, e ao terminar pensou em materializar sua ideia na missa de sétimo dia do pai, quando estivesse só com Elvira, justificava para si sua atitude dizendo “[...] eu morava, na estrada geral passava crianças, olhiavam pra mi, e disiam olha, aloca, eu pensei assim, a pobre filha, eu tenho este feio nome, de loca, ella quando crescer, agente dizem, tu escola como a tua mãe [...]” (WADI, 2009, p. 256).

Ser vista como louca, passar fome, foram os pensamentos que serviram de justificativa para Pierina no dia 26 de abril matar Elvira Maria asfixiada em uma tina de lavar roupas no porão de sua casa. Pensar o destino da filha a partir de estereótipo atribuído a si por outras pessoas, foi perturbador demais para Pierina suportar. A história da loucura ao longo dos séculos sempre foi marcada por isolamento e exclusão dos ditos loucos. Em seu livro, “A história da loucura”, Foucault (1961 [2013]) divide em quatro períodos a forma como a loucura foi tratada, vista e sentida pela sociedade ao longo dos séculos. Nas duas primeiras partes ele fala da exclusão da loucura, primeiro sem critérios de classificação, fosse tido como desviante, um comportamento, já era enquadrado e incluído no rol dos degenerados, indesejados, improdutivos e assim com prostitutas, órfãos e mendigos, os loucos eram encarcerados nas santas casas de Misericórdia. Posteriormente a criação dos hospícios tornou possível uma triagem mais seletiva desses ditos loucos. No entanto, Pereira (2008) afirma que havia uma crença disseminada por Pinel e reforçada pelo senso comum de ter na loucura um fator hereditário. Ou seja, de que ser ou ter alguém louco na família, era certeza de que seus descendentes também seriam loucos, como se a loucura estivesse nos genes. A herança biológica é considerada decisiva na predisposição da alienação mental, desde os primórdios da psiquiatria contemporânea.

Pereira (2008) menciona que a teoria da degenerescência marcou de forma profunda a psiquiatria e as concepções científicas sobre a hereditariedade dos transtornos mentais, na segunda metade do século XIX. A doutrina de Morel recorria, por exemplo, à ideia de uma hereditariedade “dessemelhante” a qual pode ser observada a partir da seguinte colocação “[...] determinados traços de degeneração em um ancestral podiam se manifestar de maneira diferente em seus descendentes. Assim, a conduta desregrada do avô poderia constituir a evidência da base hereditária para a alienação mental do neto”. (PEREIRA, 2008, p. 493)

Freud criticará explicitamente esse ponto de vista em seu artigo escrito em francês “A hereditariedade e etiologia das neuroses de 1896”. No entanto, esse pensamento, o de que a

hereditariedade da loucura se disseminou entre a sociedade de forma rápida e marcante, tanto que até hoje faz parte da fala de muitas pessoas (PEREIRA, 2008).

Agora Pierina era oficialmente uma criminosa, mas para ser julgada e condenada ainda passou por um longo processo investigativo, desde depoimentos, interrogatórios até então a invocação de um médico psiquiatra para provar sua sanidade ou não. A imagem da criminosa fora forjada pelo juiz responsável pelo caso, com perguntas que induziam as testemunhas a confirmarem que ela tinha uma vida equilibrada e feliz ao lado do marido e da família. Nos testemunhos do caso criminal, vizinhos e familiares afirmavam que Pierina era uma mulher que, até certo ponto correspondeu as expectativas de boa filha, esposa e mãe. Para eles o casamento com Giacomo era perfeito, “o casal ideal”, sem brigas, segundo o vizinho de nome Augusto e um primo de Pierina, Jerônimo. A referida cumpria as obrigações da casa e era uma moça religiosa (WADI, 2009).

No entanto, se ela era feliz e estava tudo bem, segundo os depoimentos, o que ela fez, só poderia ser explicado por meio de algo inexplicável racionalmente ou pela linguagem da lei, a loucura. E então, em uma segunda parte do processo investigativo, se iniciava a construção da imagem da louca Pierina a qual tornou-se completa quando os peritos invocaram a “doutrina lombrosiana” (WADI, 2009).

Wadi (2009) apresenta que Cesare Lombroso foi um psiquiatra higienista que disseminou, no início do século XX, discussões criminológicas, ideias e ações de muitos dos representantes do aparelho jurídico-policial e do saber médico encontrava-se fortemente marcadas pela discussão criminológica baseada em grande parte nas postulações da escola positivista italiana, seus seguidores no Brasil eram fiéis e propagaram suas ideias no campo jurídico nacional. Para estes:

as mulheres evoluíram menos que os homens, pois eram dotadas de uma passividade e de um conservadorismo orgânicos, em razão da imobilidade do óvulo, o que, aliás, as diferenciava e inferiorizava em relação ao homem. Seu senso moral era considerado deficiente, sendo elas vingativas e ciumentas, pois nelas predominavam as faculdades afetivas sobre as intelectuais (WADI, 2009, p. 276).

Os defeitos eram anulados, assim como nos casos ordinários, pela piedade ou pelo exercício da vocação maternal. A ideia de que elas não eram bem adultas e, portanto, não tinham total responsabilidade por si mesmas, fazia com que houvesse uma tendência a “desculpá-las” pelos crimes que cometiam. Especialmente nestes momentos, como o dos crimes, a crença na inferioridade de seu desenvolvimento intelectual fazia com que fossem descritas

como menores em seu estado social e biológico que as destinava a parir filhos e representar papéis secundários. Tais estereótipos da inferioridade biológica e da menoridade moral e intelectual, bem como da menoridade política e jurídica consagrada nas próprias leis que as impediam de votar, de serem chefes de família, até mesmo de se representarem perante a lei em questões de seus direitos, emergiam com muita força nas escolhas feitas pelos representantes do aparelho jurídico-policial, assim como nas dos saberes médicos em crimes como o de Pierina, bem como nos infanticídios, abortos ou crimes de sedução, em que as mulheres eram as vítimas, crimes estes que rompiam com os ideais de feminilidade e com os papéis atribuídos às mulheres, construídos como fazendo parte da “natureza feminina” (WADI, 2009).

No entanto, a premeditação, o não arrependimento e a motivação do crime fizeram com que, de criminosa, Pierina fosse vista como louca e assim o promotor pede para que ela seja submetida a exames mentais, por profissionais, para saber se ela realmente sofre das faculdades mentais ou não (WADI, 2009).

Enquanto o inquérito não era concluído, Pierina ficou detida na Cadeia Pública da Vila Garibaldi, e nesse período contraiu varicela, quando foi encaminhada imediatamente para a Santa Casa de Misericórdia, onde ficou internada durante um mês. Esse período deixou marcas profundas em seu processo de subjetivação. Durante esse curto período, Pierina conheceu de perto a rotina de um lugar calmo, limpo, no qual a espiritualidade a cercava por todos os lados. Ela encontrou o que procurava a meses, tranquilidade, isolamento, tempo para si, tempo para descansar da rotina pesada do campo, e foi lá onde Pierina passou a se ver, a se enxergar enquanto sujeito, reencontrou sua identidade perdida no cansaço dos afazeres diários, a religião e isso a fez repensar o que havia acontecido (WADI, 2009).

Quando de lá precisou sair para ser examinada e posteriormente mandada ao hospício, Pierina finalmente havia encontrado paz, e conscientemente sabia que precisava pagar pelo que havia feito, mas sua resistência em ir ao hospício foi tida como mais um sintoma da loucura, silenciada. Ela afirmava não ser louca e sim criminosa, mas sua voz agora não tinha força diante do atestado pelo detentor do saber médico. Não se sabe se essa resistência se devia ao fato dela sentir que os chefes de polícia eram gente como ela, descendentes muitas vezes, vizinhos, primos, e os médicos eram tidos como um saber inatingível, incansável ou se fora a experiência vivida na Santa Casa que a fizera mudar e acreditar que precisava ser punida por sua maldade, e que existiam duas formas de pessoas, as que são de fato loucas e as que se encontram em estado de loucura passageiro (WADI, 2009).

No dia 5 de julho de 1909, Pierina passa de criminosa a louca, dando entrada no Hospício de São Pedro, a exato um mês após fazer 29 anos, onde foi admitida provisoriamente. Assim que desceu do carro pediu para que fosse colocada sozinha em uma cela, alegando não ser louca, e foi assim atendida (WADI, 2009).

Durante o tempo que Pierina ficou na Santa Casa para tratar de varicela, passou um processo de mudança muito significativo. A moça simples, filha de imigrantes italianos agora conhecia mais sobre o mundo, havia ampliado seu olhar, conhecendo outras e inúmeras pessoas, conhecia sobre outras possibilidades de ser e viver, mesmo que por circunstâncias bastante dolorosas (WADI, 2009). Pierina reconstruía sua identidade a partir de fragmentos de uma vida que lhes era familiar em um espaço absolutamente estranho e novo, no trabalho doméstico da Santa Casa, se viu, se reconheceu, o trabalho antes odiado e evitado, durante o processo de adoecimento, agora lhes dava uma referência, sabia quem era ou o que sabia fazer, em outros espaços por meio do trabalho doméstico.

Estava exercitando sua subjetividade diante do tempo para si, dentro da Santa Casa, encontrou “marcos identificatórios de sua construção subjetiva” (WADI, 2009, p.313). No silêncio, na calma, sentiu-se segura, acolhida e se reencontrou, mesmo que pelos moldes religiosos, como eram as práticas nas Santas Casas, ela pode se ver de fora talvez e enxergar a dimensão de tudo o que acontecera até ali, quando em suas cartas se diz estar arrependida pelo que fez com a filha (WADI, 2009).

Na primeira carta escrita de dentro do hospício, Pierina o descreve como inferno. Negando a loucura por diversas vezes, Pierina prefere ser tida como criminosa. A mesma então pediu para trabalhar, pois gozava de saúde e sabia desempenhar bem as tarefas domésticas. Não se tem relatos de quais técnicas terapêuticas e remédios foram utilizados no tratamento de Pierina, enquanto ela esteve no São Pedro, o que se sabe é que por meio de um documento feito por um dos médicos de lá, em poucos meses, Pierina estava curada, no entanto como se tratava de uma criminosa, os responsáveis pelo hospício acharam melhor observarem um pouco mais, para que ela não tivesse uma “recaída” (WADI, 2009).

Em 8 de outubro de 1909 Pierina escreve para sua mãe, e na carta diz está com saudades e pergunta notícias sobre seu marido, amigos e compadres, aparenta estar bem, mas ainda resiste em voltar para casa. O hospício passou a ser visto como um lugar para si, não pela aceitação da condição de louca, a qual ela negava, mas como alguém que lá prestava serviço. Não se sabe se foram as práticas terapêuticas empregadas no hospício ou a rotina disciplinar asilar que a cercava por todos os lados, a fim de resgatar sua saúde mental, mas alguns relatos

são descritos em prontuários de outros internos como a terapia moral, um conjunto de medidas morais, dentre elas a laborterapia, a terapia através do trabalho a mais utilizada no hospício, a terapia higiênica, com cuidados de higiene com o corpo, mudanças de ar e de alimentação, e o isolamento hospitalar (WADI, 2009).

De 5 de julho de 1909 até o dia 22 de maio 1911 quando recebeu alta, afirmando que ela estava curada, quase dois anos passou e não se tem mais registros sobre sua passagem pelo hospício. Foi levada a Garibaldi onde seu processo foi revisto e avaliado a pedido do marido. Após seu tempo de internamento médicos legistas da Chefatura de Polícia enfatizaram a existência de perversão do instinto materno, mas Pierina cometeu o crime não como uma mãe desnaturada, mas como alguém que teve sua razão perturbada pelo suplício do parto, da amamentação, e das dificuldades materiais e morais que pode ter um pobre casal de colonos (WADI, 2009).

E no dia 29 de maio de 1911, o escrivão cumprindo a ordem do juiz, passou o alvará de soltura em favor de Pierina Cechini. Retornava a mesma a Garibaldi, lugar onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida. Não se tem registros de sensações, sentimentos vividos por ela durante esse percurso de volta para casa com o marido Giacomo, no entanto é de se imaginar o misto de sentimentos por ela experienciados, angústia, saudade, culpa, vergonha, alegria em voltar para casa, casa a qual ela reafirmou diversas vezes não mais querer voltar (WADI, 2009).

O inesperado e esperançoso fim para uma história de dor e sofrimento, afinal entrar e sair ileso de uma instituição destinada a doentes mentais já é muito difícil, imagine sair melhor, alguém que se organizou internamente numa época em que a escuta era impossível de ser vista como possibilidade. Pierina se reescreveu através de suas escritas em seu tempo para si, passou a ver possibilidades ampliando sua visão de mundo e entendendo que estar louco não significa ser louco. Voltou à vila, casou-se novamente com Giacomo, em 1918, agora no civil, e teve seis filhos: Maria, Lúcia, Tereza Cristina, Guido, Angelo e finalmente Camilo Augusto em 1927. Quando morreu aos sessenta dois anos, em 1949, de causas naturais. (WADI, 2009.)

Segundo Wadi (2009) não se sabe como foi recebida em sua casa, por sua família e vizinhos, não se sabe se ela se adaptou ao mundo ao seu redor ou o mundo se adaptou a ela, se continuou melancólica ou se acostumou-se a melancolia cotidiana de uma vida marcada pela pobreza e pela rotina de tarefas intermináveis e desvalorizadas social e economicamente. Só se sabe que Pierina viveu seus últimos dias como começou sua vida, em casa, com a família.

#### 4.4 O CONTROLE SOCIAL: UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO SOCIAL FORMAL E INFORMAL DA OCORRÊNCIA DO ATO DELITUOSO

A criminologia considera o controle social como sendo um conjunto de mecanismos e sanções que tentam fazer com que os indivíduos se submetam às normas de convivência social. Podem ser controles informais, tais como família, escola, amigos...ou formais que se relacionam diretamente com a política criminal, tais como policiamento, juizados e outros (PEN-TEADO FILHO, 2016). Assim o olhar para o controle social requer um estudo sobre o contexto sócio-histórico e as normas jurídicas. Nesse caso em específico, será priorizado o contexto social, tendo em vista os objetivos propostos nesse trabalho.

Falar de controle social informal, no caso dos imigrantes italianos, é falar de uma cultura que sobreviveu a todo o processo de aculturação sofrido após o fim da Segunda Guerra Mundial pelos os primeiros imigrantes que aqui chegaram (VALDUGA, 2007). Na promessa de melhores condições de vida, os mesmos foram jogados nas terras que lhes foram prometidas, isolados, largados, sem nenhum amparo do Estado. Era comum relatos de imigrantes com problemas mentais, com depressão, melancolia (WADI, 2009). Estes por sua vez viviam em uma extrema situação de pobreza e miséria, sendo necessário se unirem para garantir a sobrevivência física e moral de seus familiares, de maneira que os vizinhos de terras eram tidos como extensões de suas famílias, parentes. Muitos se casavam entre si, expandindo e fortalecendo os laços identitários que os uniam e os definiam como sujeitos munidos de uma cultura em comum, a de agricultores italianos.

Os imigrantes italianos, por meio da dedicação ao trabalho, marca profunda de suas italianidades, tinham um fervor religioso indescritível, muito tementes a Deus, o que criava uma representação de docilidade e devoção em suas características bem apreciada pelas autoridades locais (ZANINI, 2007). Agricultores, pouco envolvidos em assuntos de política, trabalhadores e ambiciosos, esse era o retrato ideal do imigrante italiano. O que na Itália era sinônimo de pessoas que procuravam riqueza fácil, no Brasil, esses valores foram vistos como pessoas que enriquecem com o próprio suor (GANDINI, 2000). O apetite pelo trabalho, a importância dada aos valores familiares, a valorização da fé católica assim como o empreendedorismo são elementos culturais que identificam e delimitam um território único dos imigrantes italianos (ZANINI, 2007).

A autoridade paterna entre os descendentes era algo incontestável, mesmo tendo nas mães as figuras de mulheres fortes “as mamãs italianas” que opinavam em tudo, ou em toda

decisão familiar, o pai tinha a palavra final sobre os assuntos relativos que dissesse respeito aos assuntos da casa, detinha o poder político e econômico da família. Era como o pai de Pierina, Antonio que ficava todo o dinheiro que eles recebiam por uma semana de trabalho, ele controlava as finanças da família e dividia os ganhos aos domingos, relação que gerou imensa insatisfação em Pierina, que se queixava de receber muito pouco pelo trabalho semanal. Como ela casou e continuou morando na casa do pai, ele decidia sobre muitos aspectos da vida do casal, no entanto quando Pierina pediu pra ser internada no hospício e seu pai decidiu a mandá-la para lá, o marido a pedido do cunhado interveio e não a levou, preferiu a Santa Casa, que no final acabou não dando certo também, mas contrariando a vontade do pai de Pierina Giacomo, demonstrou autoridade impondo limites a relação de genro e sogro (WADI, 2009).

Pelas cartas e pelo inquérito policial é possível notar que muitos familiares de Pierina moravam perto de sua casa, pois serviram de testemunhas no caso do crime que ela cometeu em sua casa. As famílias italianas eram formadas por grupos numerosos, geralmente cada família tinha entre seis ou mais filhos, e participavam com muita frequência de ocasiões como o nascimento de um bebê, a doença de um membro, dependendo do sexo, revezados entre homens e mulheres, do trabalho artesanal, o doméstico era dividido entre as mulheres, o da roça entre os homens e em seu grupo, muitas vezes se agregavam vizinhos de terreno, em que acabavam por se casarem entre si, dessa forma acabavam por opinar em decisões importantes, como a de qual destino deveriam dar a Pierina quando se encontrava doente (WADI, 2009).

Do casamento a escolha do noivo, onde iam morar e como tudo era decidido segundo as tradições italianas, o nome da filha deveria ter um pouco do lado materno um pouco do paterno. O batizado tinha que ser ainda nos primeiros meses, segundo a tradição católica, o tempo de amamentar era opinado por parentes e vizinhos, à mãe a responsabilidade de educar e orientar na vida religiosa, os papéis eram muito bem delimitados e seguidos pelos colonos italianos, tanto que qualquer comportamento desviante era tido como doença ou castigo divino, inaceitável e incompreensível por aqueles sujeitos simples e dóceis de uma fé inabalável (WADI, 2009).

Em “O mal estar da civilização” Freud (1930 [2010]), assemelha o conceito de civilização ao de cultura, e a apresenta como o elemento que põe fim ao estado natural dos indivíduos e os coloca em posição diferente aos outros animais, ou seja, se torna civilizado, aceitando inúmeros regulamentos e regras que o preserva da natureza e legitimam as relações com os outros sujeitos, instaurando uma organização social. Essa visão é amparada na teoria con-

tratualista<sup>3</sup>, para a qual os indivíduos que estariam à mercê de qualquer ordem, seguindo somente a seus instintos e vontades naturais, como a necessidade de sobrevivência, por exemplo, mesmo que por meio da violência, aceitam produzir um contrato, instituindo uma ordem social e constituindo a sociedade civil.

“O mal-estar na civilização”, no entanto, é fruto da necessidade de abnegar o individual de cada sujeito em prol da coletividade, para Freud (1930 [2010]), ao constituir-se a civilização, o poder individual é substituído pelo poder da comunidade, sendo que cada indivíduo é levado a abdicar de suas pulsões.<sup>4</sup> Assim, entende-se que é gerado uma luta à liberdade individual, para que a defesa dos interesses coletivos predomine em relação aos individuais, com o intuito de que a civilização perdure e se desenvolva inversamente predominando o coletivo, diminui o pessoal de cada indivíduo, já que o leva a reprimir suas pulsões, seus desejos, como é o caso da libido, isso gera o que Freud chama de mal-estar.

Para Freud (1930 [2010]), essa relação já é naturalmente antagônica, visto que o indivíduo, possui tendências destrutivas, anti-culturais e antissociais que seriam reprimidas em defesa do ideal do bem comum. Além disso, a cultura seria a causa de muitas frustrações humanas e de os seres humanos nunca alcançarem a felicidade completa, pois seria difícil para a humanidade aceitar e lidar com as privações que lhes são impostas pela civilização. Sendo assim, o ser humano seria mais feliz se voltasse ao seu estado natural, se as exigências e privações sociais fossem extintas ou reduzidas.

É possível pensar na possibilidade da infelicidade humana ser, em parte, decorrente da falta de escolha. O homem padece sob o determinismo desde o nascimento, pois nasce em uma época, um local e em uma cultura a qual não pode escolher, e se vê obrigado a obedecer

---

<sup>3</sup>Teorias que tentam explicar o contratualismo emergiram durante os séculos XVI e XVIII, sendo que os principais representantes e filósofos contratualistas da história foram: Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Para Thomas Hobbes (1588 – 1679), o contrato social se originou a partir da necessidade do homem de controlar a si mesmo. De acordo com o filósofo e teórico político, o “estado de natureza” humano é de dominação sobre os demais, sendo capazes de destruir os seus iguais para atingir os seus desejos pessoais. Para John Locke (1632 – 1704), o contrato social surgiu pela necessidade de criar um método de julgamento parcial dos interesses das pessoas. Ao contrário das premissas do “estado de natureza” descrito por Hobbes e Locke, Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) defende a ideia de que o ser humano é essencialmente bom, mas a sociedade é responsável pelo seu corrompimento. Rousseau acredita que todo poder se forma a partir do povo e deve ser governado por ele. Assim, o povo deve escolher seus representantes para governar, pessoas que devem exercer o poder em nome dos interesses gerais da população. (<https://www.significados.com.br/contratualismo/>).

<sup>4</sup>Na obra Pulsões e seus destinos, Freud explica que, as pulsões se compõem de uma fonte, que é a zona do corpo (boca, anus) de onde aparece ou brota a pulsão. Na mesma obra Freud explica que o impulso da pulsão é a magnitude da excitação colocada em jogo pelo movimento de pulsão ou de carga. Sobre o objetivo da pulsão, o cientista explicava na obra que é aonde se dirige o movimento da pulsão e que tem um caráter extremamente variável. E sobre a finalidade da pulsão, declara que se constitui pela satisfação, que sempre se realiza e que acontece na própria fonte, num movimento de retorno. (<https://queconceito.com.br/pulsao>).

as regras e exigências desse contexto social que lhe foi imposto. Essa impossibilidade de escolha talvez seja o que leve os indivíduos à quebra dos regulamentos, ou seja, a insatisfação com a civilização o mal-estar, pode ser percebido nessa quebra. O homem, segundo Freud (1930 [2010]), nasce e se percebe podado e controlado pela civilização, sem poder de escolha, tenta se adequar e obedecer aos preceitos e ideais de sua cultura, no entanto, por vezes se encontra infeliz e insatisfeito e, desta forma, nem sempre consegue lidar com a privação e com a repressão de suas pulsões, acabando cedendo a elas, como à sua tendência à agressividade, por exemplo, sendo a violência um dos maiores males enfrentados pela sociedade.

As mulheres imigrantes italianas se dividiam no trabalho doméstico, nos cuidados com os filhos e no artesanato, no qual era um tempo partilhado entre familiares e vizinhas, os quais trocavam vivências e experiências diárias, em que os filhos cresciam em meio as tarefas maternas e os costumes italianos perpassados nas conversas informais sobre como fazer, agir, ser. Conselhos dados na sutileza do trabalho diário, faziam com que os vínculos se fortalecessem a cada novo desafio, cada situação a ser enfrentada por um membro, tinha sempre alguma experiência a ser dividida pelo grupo (WADI, 2009).

A religião, segundo Wadi (2009), era outro valor que regia as regras de comportamento no grupo em que Pierina vivia de forma muito expressiva. Em suas cartas Pierina fala de um período em que estudou numa escola de freiras, e quando ficou doente a família pediu ajuda as freiras da ordem de São José para cuidarem dela por meio de uma rotina de higienização corporal, alimentação, sangria e orações. As freiras acreditavam que o que estava acontecendo com Pierina era de cunho espiritual, um castigo de Deus que seria curado através desses métodos religiosos mesclados com um tratamento que elas aprendiam no convento a auxiliarem os enfermos, numa época em que elas faziam o trabalho de enfermeiras, desempenhavam um papel de tratar doenças aparentemente mais simples ou espirituais.

O medo de ser julgada pelo olhar do outro servia de parâmetro para muitas decisões tomadas pela protagonista da história, o receio de ver seu nome sendo pronunciado em bocas estranhas, seu comportamento julgado por olhares superficiais e esse estigma ser carregado por sua filha, atormentou Pierina por meses. Ao que tudo indica ela morava perto da passagem para uma escola e em suas cartas e depoimentos falou sobre esse medo de que as crianças que passavam pra escola a chamassem de louca, por isso queria morrer e matar a filha (WADI, 2009).

[...]eu morava, na estrada geral passava crianças, olhiava pra mi, e disiam olha, aloca, eu pencei assim, a pobre filha, eu tenho este feio nome, de loca, ella, quando crescer , agente dizem, tu esloca como tua mãe [...] (WADI, 2009, p. 256).

A pressão, uma espécie de cobrança velada, também tomou conta de Pierina devido comentários oriundos de seu grupo de convivência, esboçados nas visitas constantes feitas quando alguém estava doente, como Pierina. Era um hábito muito comum em pequenas cidades do interior, sobretudo em vilas de colonos imigrantes no qual o único lazer limitava-se às festas nas paróquias, casamentos, batizados e noivados. Visitas a compadres, parentes e vizinhos eram atividades corriqueiras, quando a doença era grave a visita de solidariedade era quase uma obrigação (WADI, 2009).

Por fim, a culpa e a vergonha, foram sentimentos que influenciaram as atitudes seguintes de Pierina, com a morte de seu pai, esse grupo mais amplo de convivência, terciam comentários sórdidos de quais seriam os possíveis motivos da morte de Antonio Cechini, e o alvo mais uma vez cairia sobre a doença de Pierina e o desgaste que levou a família e principalmente seu pai, causando sua morte e que segundo esse grupo, supria um amor maior pela filha mais nova (WADI, 2009).

Wadi (2009) coloca que a pressão matrimonial também pesava sobre Pierina, Giacomo cobrava um comportamento compatível com o que se esperava de uma esposa e mãe dedicada. Em suas cartas fala sobre quando começou o processo de adoecimento e não teve o apoio do marido: [...]tu não tinha outro, para iganar, tu me ganaste [...] tu com, a tua tristes hideia, tu me assassinaste, me, etão bem a tua filha [...] (WADI, 2009, p. 246). Com as dificuldades econômicas, as festas, despesas e as bebedeiras do marido, os apuros da maternidade, o trabalho duro, constante e estafante e tantas outras grandes e pequenas mazelas do dia-a-dia, iam desgastando aos poucos a imagem de moça prendada e recatada para Giacomo que começou a cobrar por atitudes estáveis e esperadas socialmente para uma esposa e mãe.

Quando todos achavam que o tratamento dado pelas freiras havia dado certo, Pierina começa a ter pensamentos “impróprios” novamente, sobre morrer e matar a filha. A morte de seu pai foi como um gatilho para pôr em prática seu plano, e quando o concretizou, passou a ser escrita, vista e julgada pelos olhos, boca e ideologias juristas e médica (WADI, 2009).

Wadi (2009) apresenta na obra sobre a história de Pierina que, numa época em que a mulher era submetida ao domínio masculino econômico e político, ora pelo pai, depois pelo marido, a mulher que cometesse um crime, principalmente como o que cometeu Pierina, um infanticídio, estava cometendo um crime contra uma moral social imposta pelos padrões vi-

gentes da época. Era inadmissível crer que um ato cometido pela própria mãe contra seu próprio filho fosse algo normal, tendo em vista a naturalização do papel feminino, a idealização do amor materno, vigente na época. Se para a religião era “coisa do diabo”, para a lei era “coisa de louco”.

No início do século XX, as ideias e ações dos representantes do aparelho jurídico-policial, encontravam-se fortemente marcadas pela discussão criminológica baseada em grande parte nas postulações da escola positivista italiana liderada por Cesare Lombroso e seus seguidores espalhados pelo Brasil. Para estes “As mulheres evoluíram menos que os homens, pois eram dotadas de uma passividade e de um conservadorismo orgânicos, em função da imobilidade do óvulo, o que aliás, as diferenciava e inferiorizava em relação ao homem” (WADI, 2009, p.276).

Pierina estava nas mãos de homens da lei que estavam absolutamente submersos em ideias e valores vigentes naquele determinado lugar e naquele determinado espaço de tempo. Ou seja, os “manipuladores técnicos” como delegados, juízes, advogados, promotores e jurados, utilizam ideias e valores vigentes naquela determinada sociedade como referência para as histórias que serão julgadas nos tribunais (CORRÊA, 1983).

E foi dessa forma que seu processo se encaminhou, todo baseado em achismos de parentes e vizinhos e em nenhum depoimento consta a fala feminina, de alguma mulher, fosse irmã, mãe ou vizinha, nada. Do início ao fim do processo as perguntas foram induzidas e o processo forjado, de forma a acreditarem em uma impossibilidade legal de Pierina em responder judicialmente. Tal fato fazia com que houvesse uma tendência em desculpá-la pelo crime que cometeu, pelos seguidores da escola positivista, uma ideia de que as mulheres não fossem bem adultas e, portanto não eram bem responsáveis por si mesmas, havia uma crença na inferioridade intelectual dessas mulheres (WADI, 2009).

Julgada e condenada como incapaz, Pierina agora percorria um longo e conflituoso caminho ao olhar médico da época, outro mundo masculino, ditado pela voz do patriarcalismo, permeado por um saber unilateral, onde a voz do doente era silenciada por um modelo meritocrata de conhecimentos técnicos fechado, inabalável e inacessível, em que aos outros só cabia obedecer sem questionar. Nesse sentido, a mesma foi mais uma vez induzida a pensar ser louca por seus atos irracionais cometidos contra a vida da própria filha, diagnosticada com degeneração inferior, estigmas da ordem depressiva e *psychose hystero,-neurashenica* e assim Pierina foi enquadrada no rol das loucas morais. Condenada a ir para o Hospício de São Pedro

pagar a pena pela morte de Elvira, Pierina agora entrava no mundo manicomial, do saber médico ao qual ela temia mais do que o da lei (WADI, 2009).

No entanto, como mencionado anteriormente Pierina quando acometida por varicela, precisou passar um mês na Santa Casa de Misericórdia, e foi sob o controle religioso onde se disse arrependida pelo crime que havia cometido contra a filha. Submetida a uma rotina diária de orações e trabalho doméstico, a Santa Casa foi primordial para a conclusão do relatório policial, através das observações feitas pelos médicos que ali trabalhavam, como para o seu processo de subjetivação (WADI, 2009).

Os hospitais ainda davam os primeiros passos para se tornarem instrumentos terapêuticos aliando caridade e ciência, como o de Misericórdia de Porto Alegre, os tratamentos determinados para algumas doenças lembravam muito os praticados pela medicina popular. Era semelhante ao que recebera em casa nos meses de dezembro a fevereiro, no entanto na Santa Casa, as freiras eram amparadas pelo auxílio médico e de outros funcionários que compunham o corpo do hospital, mas todos dirigidos por elas, as freiras. Era um tratamento protegido, cercado por muros, o primeiro muro ao qual Pierina seria isolada socialmente, no entanto tinha uma linguagem quase que totalmente feminina. Embora o tratamento recebido pelos desabrigados e doentes que lá chegavam fosse de cunho religioso e moral, foi lá onde ela se sentiu em casa novamente, sentiu uma familiaridade boa, com o local e as funções que desempenhou, que a fazia lembrar de si mesma de uma forma que lhe permitiu reconhecer naquele contexto, sua subjetividade, e essa aflorou durante esse processo em que esteve na Santa Casa (WADI, 2009).

As freiras além de cuidar pessoalmente dos enfermos e desabrigados, pois não havia enfermagem profissional nessa época, que ali chegavam, administravam todos os setores da Santa Casa, com regras rígidas e morais espalhadas em todos os locais, as quais eram lidas em público com bastante regularidade por eles. O tratamento recebido por Pierina foi de “banho de ervas, compressas para aliviar a febre, talvez um banho de permanganato de potássio” (WADI, 2009, p.305), para aliviar as coceiras da catapora. E esse cuidado veio recoberto de muita religiosidade e disciplina, já que era um lugar controlado por freiras.

[...] para as irmãs, os doentes teriam recebido um castigo divino por seu comportamento pecaminoso, relacionado doença e moralidade. Os internados na Santa Casa teriam o estigma dos que já estavam recebendo o castigo por seus atos. A instituição também teria a função de controlá-los, incutindo-lhes principalmente a fé para que ocorresse a conversão e o arrependimento dos pecados (WEBER, 1997, p.227).

Segundo Wadi (2009) religiosidade era algo muito importante para os italianos, a fé, consolidada nos princípios religiosos, serviu como um suporte para as inúmeras dificuldades, tidas como provações pelas quais eles passaram quando chegaram ao Brasil, a religião era o que ajudava a suportar todos esses sofrimentos. Desse modo, “a moral exaltava, entre outras virtudes, o trabalho como forma de ganhar o pão, a paciência no sofrimento, o respeito ao alheio, a palavra empenhada, a castidade e o amor ao próximo” (WADI, 2009, p.310).

Dessa forma, a protagonista da referida história recuperou a religiosidade católica, e reencontrou no trabalho algo que a dava prazer e que agradava as freiras, passou a sentir-se produtiva e útil novamente. O trabalho, foi um componente muito importante para a constituição da mesma enquanto sujeito. Sua identificação através da dedicação ao trabalho e da religiosidade foi algo importantíssimo. Fez amizades, expandiu sua visão de mundo, convivendo com outras pessoas diferentes culturalmente das que ela estava acostumada a conviver. Se arrependeu do que havia feito e em vários momentos, quando estava melhor de saúde teve a chance de fugir e se tornar invisível aos olhos da justiça, mas a essa altura ela já estava disposta a pagar pelo que tinha feito, afirmava que precisava pagar pelo crime cometido contra sua filha.(WADI, 2009). Na obra de Freud (1927 [2014]) em “O futuro de uma ilusão”, o mesmo fala que, apesar dos esforços da sociedade sempre existirá uma parte da humanidade que, em função de alguma patologia ou do excesso de pulsão, permanecerá associal, por isso a função da religião é a de conservar a sociedade humana, o referido autor diz que a raiz de toda religião deve-se a uma defesa do homem contra um estado de desamparo infantil até a vida adulta, respondendo ao anseio por um pai poderoso que oferecesse segurança e proteção.

Passado o tempo de tratamento, Pierina finalmente receberia sua sentença, ou melhor iria para o Hospício de São Pedro sem que ninguém dissesse uma palavra a ela relativo ao seu destino, quando implorava, pedia para que não fosse mandada pro hospício, os guardas responsáveis por seu destino, mentiam, dizendo que ela não iria para lá. A mesma parecia já ter uma visão formada sobre o que seria um hospício, ou não preferia ficar sob a tutela policial a médica, pois resistia muito a ir para o hospício. Quando lá chegou enviou a primeira carta descrevendo o local como um inferno, a comida era ruim e não conseguia dormir por conta dos gritos dos loucos a noite, mesmo ficando em uma cela isolada. Pierina descreveu o lugar como sendo muito ruim, no entanto, essas cartas de internos nunca chegavam ao seu destino eram barradas por médicos e anexadas a seus prontuário como mais um sintoma de sua perturbação, sobretudo as que se referiam a precariedade do lugar, eram imediatamente censura-

das, talvez para que ninguém soubesse de fatos os detalhes sórdidos dos bastidores daquele lugar (WADI, 2009).

O Hospício de São Pedro foi inaugurado em 1884, mas no ano em que Pierina foi internada lá, 1909, já havia melhorado bastante na forma de tratar os que lá chegavam com esperança de dias melhores, problemas estruturais e de superlotação foram descritos por médicos que lá trabalhavam. As reivindicações foram muitas, até que no ano de 1909 as condições já eram outras, já haviam oficinas de costura, como havia sido reivindicado pelos médicos, uma biblioteca, aulas de ensino primário, hidroterapia e quando não dava para aplicar as oficinas por falta de acomodações, entravam os medicamentos (WADI, 2009).

A instituição não podia ser um lugar de ócio na medida em que o isolamento do louco da sociedade não visava uma simples exclusão de suas fronteiras, de seus grupos de convivência, mas tinha que significar, sobretudo, a possibilidade de sua reinserção na sociedade depois de sua cura pelo tratamento psiquiátrico, por isso a distribuição do tempo dos internos dentro do hospício era um dos princípios da prática médica de então, mas nesta distribuição do tempo, o trabalho ocupava lugar preferencial, pois era tido como um dos principais elementos do tratamento moral que garantia a eliminação da desordem. Mesmo que no fundo se revelassem como reforçadores de “certos papéis e estereótipos sociais garantidores da dominação de gênero e da dominação das classes” (WADI, 2009, p.391). A laborterapia parece que “domou”, “docilizou” Pierina, não se sabe ao certo, se foi a disciplina asilar, atividades tendentes a revigorar sua “moral”, ou as terapêuticas destinadas a quebrar resistências e rebelias de todo gênero, que em cartas seguintes elogiava o tratamento e o cuidado recebido no São Pedro (WADI, 2009).

Aos olhos estranhos parece um paradoxo Pierina não mais querer ir embora daquele lugar conhecido por destituir a singularidade, o desejo, a individualidade e a subjetividade de um sujeito. No entanto, devido às adversidades que ela via em sua família, na miséria, na vida de trabalho incessante sem lazer, a vida na instituição era ampla, pela diversidade de pessoas que conhecia diariamente, segura e agradável, tinha comida e tinha roupa para vestir e tudo era bem arrumadinho, como ela gostava, então os muros institucionais do São Pedro, representaram para ela naquele momento um refúgio a sua dor, seu sofrimento, angústia e desamparo (WADI, 2009).

Por fim, Pierina, após quase dois anos é julgada novamente e tem sua liberdade de volta. A mesma volta para casa com seu esposo e no percurso certamente relembra todo o trajeto de volta para casa, como um possível recomeço, uma possibilidade de iniciar tudo outra vez.

Não se tem registros de seus anos seguintes de sua forma de lidar com a dor de seu ato, do olhar dos outros e sua reação a ele, não se sabe se ela finalmente aceitou seu destino ou viveu a melancolia, mas voltou a sua vila de origem com seu marido e reconstruiu sua vida, sua família, a instituição casamento, comunidade talvez a vida tenha ganhado um ressignificado para ela, que morreu de causas naturais e não mais votou a ser internada em nenhuma instituição médica ou legal (WADI, 2009).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O sujeito é único e se diferencia dos outros, por ter uma história que é própria, que só pertence a ele, só ele viu ou sentiu por um ângulo próprio o entardecer naquela pracinha, o cheiro de chuva que o fazia lembrar amigos e abraços sinceros, o nó no peito daquela intensidade quando sofreu por aquele amor adolescente, sentiu a música quando segurou seu filho no colo pela primeira vez, quando perdeu seu pai, sua mãe, ou foi feliz e nunca encontrou o amor, ou teve filhos, ou não sofreu com a morte dos pais, pois não os conheceu. As possibilidades são tão infinitas quanto às formas que sentimos a vida, a nossa relação com o mundo e nossas formas de enfrentamento são infinitas, e juntas formam um conjunto que constroem um sujeito de maneira singular. A subjetividade é a forma como o mesmo se expressa, é e se sente no mundo a partir do meio no qual está inserido, as relações, a cultura, o modo de agir em um determinado tempo e lugar.

Assim, descrevendo o que se gosta de comer, de vestir, de fazer, qual a religião, o sujeito está falando de hábitos adquiridos culturalmente. Nesse sentido, a subjetividade abrange além de gostos, habilidades e fragilidades, pois a forma de ver e sentir o mundo, de interpretar o que chega pelos sentidos, é único para cada pessoa. Pierina nasceu no Brasil, mas sua identidade era italiana, sua família trazia na bagagem os modos de vida, os hábitos e costumes italianos do final do século XIX, e como os primeiros colonos que aqui chegaram, viveram em terras isoladas e por isso conseguiram preservar sua cultura.

Os papéis eram muito bem definidos e aceitos cordialmente. Seus princípios se baseavam na fé cristã, e o trabalho para o imigrante italiano era tão sagrado quanto a religião. O mesmo era dividido com base em sua importância social, o trabalho doméstico tido como inferior, era designado somente as mulheres por serem consideradas inferiores, a sociabilidade era algo masculino, frequentar bares, bodegas eram atividades só permitida aos homens. A única atividade de lazer permitida as mulheres eram os grupos de artesanatos, momento partilhado onde se dividiam as dores de um casamento fracassado, as queixas das noras e

sogras umas com as outras em uma época em que o filho mais velho podia se casar e morar na casa do pai até o mais novo casar e seu lugar ser cedido a ele, as alegrias e tristezas de uma vida em família, em meio ao trabalho incessante. As únicas festas partilhadas coletivamente eram as religiosas, batizados, noivados e casamentos. Doenças e partos eram motivos de visitas entre vizinhos e familiares. Os recém-casados também costumavam receber muitas visitas e presentes dos vizinhos e parentes.

Nesse contexto, Pierina nasceu e cresceu aprendendo a ser boa mãe e esposa, e aceita só e se correspondesse a essas expectativas, se coubesse nessas medidas e se encaixasse nesses padrões, mas ela não conseguiu. Após um casamento fracassado, com alguém que ela dizia não combinar, um marido que bebia diariamente, vivendo uma vida de pobreza, em que tudo o que ganhava no trabalho exaustivo e incessante, era entregue a seu pai Antonio, dividindo semanalmente os lucros com o mesmo de forma injusta, segundo Pierina, a maternidade parece ter sido o estopim para que essa narrativa tomasse um rumo desviante de tudo o que aqueles imigrantes teriam vivido até ali.

Feitiçaria, fraqueza, castigo divino, sua dor falava em atos de rebelias inexplicáveis àquela comunidade religiosa de hábitos simples e ordeiros. Tentativas de suicídio, greve de fome, fuga, quando Elvira tinha apenas oito meses de vida, em um ano de extrema escassez agrícola, Pierina pensou pela primeira vez na morte como possibilidade de vida. Magra, cansada e infeliz, sem tempo para pensar em si, ela não conseguiu ver além de sua rotina de miséria, outra forma de sobreviver a sua sina de mãe, filha e mulher senão morrendo e matando a filha pequena. Pediu socorro, quando verbalizou a dor pedindo para que afastassem a pequena Elvira dela, por inúmeras vezes foi ouvida, atendida, tratada, medicada, mas não de forma adequada talvez, pois a dor persistia e se estendia por meses, até que em um ato de desespero cometeu o crime contra a filha, selando seu destino e de todos que ali viviam.

Nascia Pierina aos olhos da lei e eis que vem à tona a oralidade das cartas de um sujeito até então invisível ao mundo. A filha de imigrantes italianos de 28 anos, esposa de Giacomo e mãe de Elvira Maria, ganha voz através de suas cartas anexadas aos prontuários médicos e relatórios policiais do inquérito que contavam a história de uma mãe que havia matado a filha de dezesseis meses afogada em uma tina de lavar roupas.

Suas cartas ora falavam de dor, ora de saudades, mas não de arrependimentos quando ela, acometida por cataporas, precisou passar um período na Santa Casa de Misericórdia. Foi lá onde Pierina conheceu na caridade religiosa das freiras, o isolamento, o silêncio ao qual tanto reivindicava em seus lamentos, a paz, o tempo, o descanso, a rotina regrada por leis

católicas, rígidas e moralistas. Porém, uma rotina que parece ter dado eloquência a sua existência, organizando sua mente e acalmado os pensamentos daquela enferma com um tipo de tratamento que mesclava conhecimentos populares, medicina e orações, a Santa Casa trouxe de volta Pierina sujeito, perdida no sobrenome matrimonial, no cotidiano extenuante, no distanciamento dos sonhos adolescentes perdidos nas obrigações irracionais da vida adulta, no peso da responsabilidade materna, na culpa de não mais caber naquela “roupa”, no papel de mãe e mulher dedicada, no medo de ver perpetuado o estereótipo de louca na filha.

A protagonista dessa história agora sabia, o porquê de estar ali, confessando-se arrependida. Entendia a diferença em estar e ser louca, e acima de tudo, agora sabia quem era Pierina. Desempenhando o mesmo trabalho que desempenhava em seu vilarejo, em sua casa, Pierina se viu sujeito de sua história, encontrando no trabalho e naquele espaço singular, um sentido de ser e de viver, sabia cozinhar, limpar, cuidar da horta e não era remunerada por isso, mas a proteção dos muros pareciam resguardar algo muito mais importante para ela, sua paz que o tempo para si mesma lhes dava, sua paradoxal liberdade em poder ser.

Vendo e convivendo com pessoas de distintas etnias, nacionalidades e condições sociais, Pierina expandiu sua visão de mundo e conseguiu compreender que havia vida após exaustão, que haviam outras formas de ser e que além dos limites institucionais, havia lucidez apesar das regras e costumes de seu povo, havia a possibilidade da felicidade, porque haviam outros sofrimentos além ou iguais ao dela. E que aquilo não era algo isolado, que tinha dezenas de pessoas que em um determinado momento da vida também se perderam e tudo bem ser assim, se sentiu encaixada de novo na sociedade, se por meio da religião ou não, fato é que, ela em um mês que esteve internada na Santa Casa se reencontrou enquanto sujeito, desempenhando as mesmas funções que haviam causado seu esgotamento.

Então como explicar seu desequilíbrio? Seriam os papéis e a miséria que a sufocavam e não o trabalho? Pode ser que sim, ou a rotina mosteira que a permitiu esse tempo de ter tempo para si mesma, de pensar em nela enquanto sujeito e não em nenhum outro papel, só Pierina. No entanto, seu destino já estava traçado e ela iria não para a prisão, como queria e se dizia ser, criminosa e não louca, iria para o Hospício de São Pedro, lugar onde ficaria por quase dois anos em terapias não muito convencionais para os dias de hoje, mas que na época eram tidas como eficiente e capaz de recuperar um sujeito pra a sociedade, terapias hoje consideradas torturantes e traumatizantes que quando não causavam a morte dos internos os deixavam em um estado quase catatônico, incapaz de reestruturar sua sanidade e consciência, o que dirá de sua subjetividade.

Mas Pierina já adentrava os portões consciente de si, não se tem registros das terapias usadas nela, porém sabe-se que ela trabalhou e foi remunerada pelo trabalho, foi considerada curada e voltou pra sua vila com seu marido. Pierina teve mais seis filhos, casou-se novamente com o mesmo marido, não se sabe que simbologia teve essa nova forma de renovar os votos para ela, mas continuou a vida sem mais reincidir no São Pedro ou Santa Casa. Se foi feliz, não se sabe, só se sabe que ela foi refazer sua vida ou outra, ou a mesma vida sendo outra Pierina, vivendo a mesma vida e aprendeu a viver com suas angústias, ou suas angústias a ela. Os registros são desconhecidos ou inexistentes. Se ela silenciou não se sabe, mas aquela mulher aprendeu a falar de sua dor e com ela inspirou outra a falar sobre todas nós.

Embora sua voz tenha sido silenciada, invalidada, pois suas cartas nunca passaram pelos muros do São Pedro, cem anos depois, sua história se cruza com a de uma historiadora gaúcha que encontrou documentos que atestavam sua internação, trechos de sua vida anexada em prontuários médicos. Yonissa M. Wadi reconstrói de forma admirável e sensível a história de Pierina, uma mulher que como tantas outras que viveu em mundo regido por leis e padrões patriarcalistas e na qual sua voz foi invalidada pela loucura, conseguindo se reconstruir mesmo depois de ter sido julgada, condenada e internada, pela morte da filha. Pierina sujeito, traz de volta a mãe, a filha e a mulher e recomeça uma vida, a mesma vida ensinando a todos que mesmo diante de um quadro tão inquisidor, é possível... é possível ser, e a possibilidade, ao passo que nos limita a escolher, é capaz de nos fazer infinitos, e sendo infinitos, jamais podemos nos enquadrar em padrões algum, pois só o infinito nos liberta, de forma autêntica e verdadeira, por que nos liberta da maior prisão a qual possamos pensar em viver, a que há dentro nós mesmos.

O assassinato cometido por Pierina pode ser pensado a partir de uma compreensão da sua subjetividade não explícito em suas cartas, mas lançado enquanto hipótese nesse trabalho. Seria a Elvira uma parte da própria Pierina que ela pretendia matar para proteger, tal como ela buscou também suicidar-se por um longo tempo. Assim, é provável que esse assassinato signifique um suicídio parcial marcado pelo desespero, desamparo, depressão e desesperança possibilidades de resolver essa profunda dor por outras vias compatíveis com a da.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, M. C. A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 45, nº4, 2002, p. 677- 704. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v45n4/a05v45n4.pdf>>. Acesso em: 01 maio. 2019.

BRANDÃO, C. **Teoria Jurídica do Crime**. 4ª ed., v.1, 2014. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522494408/>>. Acesso em: 03 maio 2019.

COOPER, P.; MURRAY, L. The course and recurrence of postnatal depression: Evidence for the specificity of the diagnostic concept. **British Journal of Psychiatry**. p.191-195, 1995. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/course-and-recurrence-of-postnatal-depression/CA61E980170691C166BD0DAA3FBADADA>>. Acesso em: 28 maio 2019.

CORRÊA, M.. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, R. et al. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**: vida costumes e tradições. v.1, Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes: Sulina, 1975.

DE BONI, L. A; COSTA, R. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

FAVARO, C. E. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências: 1875-1950**. 1994. 444 f. Tese (Doutorado em História) – IFCH, PUC/RS, Porto Alegre, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645534/12839>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FOUCAULT, M. (1961). **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FRANÇA, F. Reflexões sobre psicologia jurídica e seu panorama no Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.6, n.1, p.73-80, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v6n1/v6n1a06.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. XXI)**. Rio de Janeiro: Imago, 2014.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas: O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. v.18, p.14-122. 2010.

GANDINI, M. **Questiones ocialee de migrazionen elm antovano 1873-1896**. Mantova, A ssociazionem antonavin el mondo, Sometti, 2000.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. H. **Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MACHADO, C. S. A família e o impacto da imigração (Curitiba 1854-1941). **Rev. Bras. de Hist.**, v. 17, n. 34., p. 75-100, 1997. São Paulo, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200004)>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MAGALHÃES, C. C. A psicologia jurídica no Brasil e seus ramos de atuação. *Revista Rumos da Pesquisa em Ciências Empresariais, Ciências do Estado e Tecnologia. Cad. Jurídicos*. 2017. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/revistas/rumos/2017-v2/ART-06-RUMOS-2017-2.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2019.

PENTEADO FILHO, N. S. **Manual esquemático de criminologia**. 6ªed. São Paulo: Saraiva Educação, 2016.

PEREIRA, M. E. C. Morel e a questão da degenerescência. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, 2008. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142008000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000300012) >.  
Acesso em: 20 maio 2019.

SANTOS, J. V. T. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao camponês capital. São Paulo: Huciter, 1978.

SILVA, L. G. da.; ASSIS, C. L. de. Inimputabilidade penal e a atuação do psicólogo jurídico como perito. **Direito em debate**. Ano XXII, n. 39, 2013. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1127/1599> >. Acesso em: 01 maio 2019.

SOUZA, F. J. **O campo de trabalho da psicologia jurídica**. Aletheia, 1998.

VALDUGA, G. Paz, **Itália, Jesus**: Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: O papel do jornal correio riograndense (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História). 2007. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2533>>. Acesso em: 20 maio 2019.

WADI, Y. M. **A história de Pierina**: subjetividade, crime e loucura. Uberlândia: EDUFU, 2009.

\_\_\_\_\_. **A história de Pierina e as interpretações sobre processos de sofrimento, perturbação e loucura (RS/Brasil, século XX)**. Horizontes, Bragança Paulista, v. 21, p.83-103, jan./dez. 2003. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/237805103\\_A\\_historia\\_de\\_Pierina\\_e\\_as\\_interpretacoes\\_sobre\\_processos\\_de\\_sofrimento\\_perturbacao\\_e\\_loucura\\_RSBrasil\\_seculo\\_XX1](https://www.researchgate.net/publication/237805103_A_historia_de_Pierina_e_as_interpretacoes_sobre_processos_de_sofrimento_perturbacao_e_loucura_RSBrasil_seculo_XX1) >. Acesso em: 21 maio 2019.

WEBER, B. T. **As artes de curar**: medicina, religião, magia, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense- 1889/1928. 1997. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria - RS. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.